

Educação

# A segurança das escolas

RUY NUNES

Um dos significados de segurança é a isenção de qualquer perigo, mal ou dano externo ou interno. Sabem-se das dificuldades que os diretores de escolas de todos os graus têm enfrentado em vários lugares, a fim de garantir prédios e pessoal contra roubos, depredações, manejos destrutivos dos traficantes de tóxicos: males gravíssimos para os quais é preciso contar com a solícita cooperação das autoridades e com a ajuda da polícia. O que está em jogo nesses casos é a segurança externa das escolas e a saúde dos alunos. É preciso, porém, não descuidar a segurança interna das escolas, afastar e extirpar os males e danos que as corroem por dentro e, desse modo, debilitam ou anulam o esforço educacional, e impedem o alcance dos objetivos pedagógicos.

Assiste-se hoje a um intenso corre-corre de reitores de universidades para conseguirem mais verbas e estudar as medidas convenientes à reforma das escolas superiores. Muitos políticos, por sua vez, têm prometido trabalhar para a disseminação e a melhoria das escolas elementares em todo o território nacional, pois ainda é imensa a sua carência, como é impressionante o número de analfabetos. É justa a preocupação dos reitores como, também, é lamentável a situação do ensino de 1º grau, embora os progressos verificados nos últimos anos. Parece, no entanto, que o rendimento escolar pode melhorar sensivelmente no caso de se tomarem algumas iniciativas simples, algumas medidas perfeitamente exequíveis tocante à disciplina e ao ensino.

Crianças e jovens, devido à desagregação da família, máxime nos grandes centros; à degeneração dos costumes, incentivada sobretudo pelos programas de televisão, e devido à intoxicação mental produzida pelo politicismo no ambiente escolar, relutam muitas vezes em aceitar as formas de vida civilizada, as regras de polidez e as injunções dos regulamentos. O pior, todavia, é que muitos educadores pecam por omissão, ao fazerem vista grossa para os abusos, as prevaricações dos alunos e as infrações dos regulamentos das escolas. Ora, a primeira garantia do bom funcionamento destas, da séria atividade educacional, é a conduta regrada de administradores, mestres e alunos, assim como o emprego das sanções imprescindíveis à manutenção da ordem. Sem isso a escola vai à matroca e o labor educativo não passa de uma ilusão. O simples ambiente de limpeza, respeito e civildade, já constitui um forte e precioso recurso educacional para o bom relacionamento dos membros da comunidade escolar e para o aproveitamento dos alunos.

Sem pretender descrever fenomenologicamente todos os casos de patologia escolar, convém lembrar alguns dos mais salientes. Assim, certos alunos fazem uma confusão lastimável entre democracia e desmazelo, e adentram a escola trajados de maneira imprópria; alguns até mesmo de sovaco à vista e de chinelas. Mostram-se desprovidos do senso do apuro pessoal. A escola deveria ensinar-lhes boas maneiras e, quem sabe, criar um Fundo de Indumentária para vestir decentemente os necessitados.

Outros entram e saem das salas perturbando a atividade escolar, sem dar satisfação alguma aos professores; chegam no meio ou no fim da aula; comem, bebem e fumam como se estivessem num bar; estendem as pernas sobre uma carteira, quando não ficam a dormir, principalmente nos cursos noturnos. Quando essas coisas acontecem, falta à escola

a atmosfera de dignidade própria de uma casa de cultura e formação e, aí, tudo indica que ela não dispõe de fiscalização, os regulamentos não são cumpridos e os diretores são omissos ou incompetentes. Que dizer, então, dos alunos que insultam os professores com palavras de baixo calão e, à vezes, chegam às raias da agressão? Mais triste, ainda, é o fato de que os professores, ao procurarem recorrer a alguma autoridade na emergência, não encontram na escola diretor nem vice-diretor nem pessoas alguma incumbida de zelar pela ordem e pelo bom andamento da escola, o que se tem verificado em estabelecimentos de 2º e 3º grau, principalmente no período noturno. Doutra feita são professores que não entram em classe ou ficam a conversar nos corredores ou são faltosos renitentes que deixam os estudantes às traças, devido à preguiça, certos de que não há vigilância nem punição ou com a desculpa de estarem promovendo a redenção popular com discussões políticas, e omitindo-se no dever de estado de ministrar honestamente as aulas.

A escola é local de trabalho sério, e se alunos e professores têm os seus direitos, eles também têm deveres, cuja infração precisa ser castigada sem contemplações por meio das penas de advertência, suspensão, expulsão, remoção e exclusão do serviço, marcação de faltas e desconto no salário. Se a escola tiver a imprescindível fiscalização em todos os turnos, se os regulamentos forem cumpridos e as sanções forem aplicadas devidamente, alunos e professores poderão trabalhar em paz e a escola há de dispor das condições básicas para o desempenho da sua tarefa educacional. Aliás, para muitos alunos a vida escolar constitui a ocasião propícia para aprenderem que a disciplina é indispensável ao aprendizado dos costumes corretos, ao progresso no estudo, ao exercício da cidadania.

Do ponto de vista estrito do ensino, convém lembrar que o coração da escola é a sala de aula com as suas extensões, a biblioteca e o laboratório. Como ensina Herbert Johnston no seu tratado de Filosofia da Educação (McGraw-Hill Book Company, 1963, pág. 116), "a tarefa do professor na sala de aula é ensinar, e ensinar a matéria que lhe incumbe ministrar naquele momento. As três qualificações indispensáveis a qualquer professor são o conhecimento da matéria a ser ensinada, o conhecimento do modo como deve ensinar, e o desejo de ensinar". Para o dano dos alunos e da sociedade, sabe-se de muitos professores que não conhecem devidamente o que lhes compete ensinar, nem o modo ou a técnica de o fazer, deficiências que correm por conta da direção da escola que contrata incompetentes, seja para não gastar mais com um mestre qualificado, seja para fazer da escola um cabide de empregos a serviço de partidos políticos ou de ideologias — cujos mentores até se rejubilam com o abastardamento das escolas. Existem, por outro lado, professores que, sob a alegação dos salários insatisfatórios, da atividade política e da comoção social que se alastra no País e no mundo, embora sejam competentes, não têm o desejo de ensinar, e não o fazem para prejuízo dos alunos e da Nação.

O magistério, sem dúvida, tem as suas faces e os seus momentos dolorosos, mas quem assume a função de professor numa escola tem um compromisso grave consigo mesmo, com o estabelecimento que o contratou e com a pátria, um compromisso que não pode ser mantido sem o cumprimento leal das obrigações contratadas.